SIGNOS, SENTIDOS, EXPERIÊNCIAS

As mensagens de um lugar e suas implicações no projeto

ALCANTARA, Denise de (1); RHEINGANTZ, Paulo Afonso (2)

1. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Rua Viúva Lacerda, 249 – bl 3 – 608, Rio de Janeiro, RJ
denisedealcantara@gmail.com

2. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Pedro Calmon, 550 – Cidade Universitária, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ
par@ufrj.br

Palavras-chave: avaliação, método dialético, ensino de projeto.

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre as mensagens presentes nos diversos aspectos da vida urbana que podem trazer informações fundamentais a respeito da apropriação e uso da cidade e seus edifícios. Utilizando um quadro teórico-conceitual interdisciplinar baseado nos estudos pessoa-ambiente, busca delinear uma estratégia para o entendimento do lugar previamente aos processos de intervenção, seja na escala do edifício, seja na escala da paisagem urbana. Apreender o olhar do outro através da empatia, entender necessidades e expectativas, avaliar usos e apropriações cotidianas, pode resultar em novas subjetividades e em parâmetros de projeto que se somam (ou se incorporam) aos requisitos técnicos, ambientais e funcionais inerentes. Este artigo defende a necessidade de incorporar, na formação do arquiteto e urbanista, um conjunto de conhecimentos que permita desenvolver e aplicar procedimentos qualitativos de avaliação do ambiente construído que resulte em maior envolvimento com o ambiente, com seus usuários e nas relações entre ambos.

1. INTRODUÇÃO

> "A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ver com novos olhos". Marcel Proust

O caminhar pelas ruas das cidades provoca perturbações que, muitas vezes, deixamos de lado ou menosprezamos como se estivéssemos anestesiados pelo excesso de informações que nos chegam cotidianamente. Vemos lixo nas calçadas ou acumulados em montes nos cantos esquecidos. Aborrecemo-nos com os grafites e rabiscos que 'sujam' orelhões, paredes, fachadas.

Ruídos e sonoridades urbanas provocam sensações que oscilam entre a irritação e o medo. A ausência de pessoas e movimento denota os ambientes como inóspitos e inseguros. Não percebemos mudanças físicas no ambiente de nossos percursos diários, desassociados que estamos das questões urbanas e coletivas que não dizem respeito ao eu imediato e auto-centrado.

No entanto, para um observador mais atento e compreensivo estas e tantas outras perturbações podem ser interpretadas como pistas ou sinais para dar conta da complexidade e das contradições da atualidade. Este ensaio explora os caminhos e procedimentos para reconhecer e incorporar a subjetividade dessas mensagens na prática do projeto de arquitetura e urbanismo.

Os signos e sinais identificados no ambiente urbano podem ser relacionados à semiologia para dar conta da mensagem que os sinais não-verbais cotidianos buscam transmitir. Incluem qualquer sistema de signos e suas complexas associações, para formar sistemas de significação, a partir da associação de significantes e significados, de acordo com a terminologia de Saussure (BARTHES,1964). Os signos podem ser de qualquer ordem, desde imagens (grafites), gestos (identificados nas ações dos usuários de um lugar), sons, objetos (resíduos, formas arquitetônicas eruditas ou não) e formam o conteúdo do ritual, da convenção ou do entretenimento público. Os signos – ou sinais, índices, ícones, símbolos, alegorias - são indicativos e representam a associação de um significante – forma gráfica ou som que é indicativo do que representa – e um significado (ou vários) – valor ou conceito que varia conforme sua atribuição semântica. Abrem-se assim inúmeras possibilidades de atribuirmos significados aos diversos sinais apreendidos ao interagirmos com um lugar e estes devem ser cuidadosamente avaliados para não incorrermos em inconsistências em nossa leitura e compreensão dos mesmos.

De um modo geral, ao projetar os arquitetos se limitam a responder às questões programáticas, funcionais, técnicas, formais e estéticas. Por vezes deixam de lado o contexto (questões ambientais e características morfológicas do lugar), os usuários e a complexidade das relações pessoa-ambiente. Esta postura 'distanciada' persiste tanto no exercício da projetação, quanto no ensino de arquitetura, potencializada pela celebração do objeto arquitetônico icônico e descontextualizado, que se diferencia pela singularidade de sua forma e aparência. Neste sentido, estamos alinhados com o pensamento de que

> "a arquitetura do início do século XXI não será a das formas definitivas e acabadas, a dos eifícios convencionados como objetos únicos e singulares, mas a das estratégias, dos processos, dos mecanismos e das intenvenções para melhorar o contexto; em suma, a arquitetura da diversidade de sistemas, adaptável ao entorno social e ambiental." (MONTANER, 2009).

Por vezes, os repertórios projetuais buscam reproduzir realidades por meio da artificialidade; pela importação de padrões estéticos e tecnológicos oriundos de outras culturas, a despeito dos altos investimentos necessários para (re)produzí-los. Por um lado, a transposição de tais referenciais

‘importados’ para o contexto brasileiro conflita com problemas prioritários que precisam ser enfrentados e estão diretamente relacionados com a prevalência das questões sócio-ambientais e econômicas. Por outro lado, questões infraestruturais relacionadas com o meio arquitetônico -urbanístico, problemas que afligem nossas cidades nas áreas de habitação, saneamento, transportes etc., vêm sendo enfrentadas com um forte viés político-desenvolvimentista, muitas vezes não atento aos impactos sobre o meio ambiente ou à coletividade.

Assim, nossa proposta busca traçar uma estratégia para o entendimento do lugar previamente aos processos de intervenção, seja na escala do edifício, que deve dialogar com seu entorno, seja na escala da paisagem urbana, por si só complexa e contraditória. A intenção final é auxiliar arquitetos e alunos de arquitetura a reconhecer as características formais e contextuais do lugar; a analisar usos e apropriações cotidianas; a entender as relações que são geradas; a por meio da empatia, entender as necessidades e expectativas dos outros. Um envolvimento de dentro para fora, ou como “o urbanista errante [que] não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro”, em oposição aos “métodos de análise contemporâneos das disciplinas urbanas... [que] se distanciam cada vez mais da experiência urbana, da própria vivência ou prática da cidade (JACQUES 2006: 118).

Tais procedimentos podem resultar em novas subjetividades e parâmetros para o projeto que se somam ou se agregam aos requisitos formais, técnicos, funcionais, orçamentários, estéticos, etc., inerentes à ação projetual. Defendemos assim a necessidade da incorporar na formação do arquiteto e urbanista, um conjunto de conhecimentos que permitam o desenvolvimento de procedimentos qualitativos de observação, análise e avaliação do ambiente construído. Como resultado, maior envolvimento com o ambiente, seus usuários e interrelações pessoa-ambiente, tendo como consequência natural uma resposta às demandas e necessidades de projeto congruentes com seu contexto físico, social e ambiental.

2. FUNDAMENTAÇÃO

A exploração de caminhos que nos auxiliem a reconhecer, interpretar e incorporar tanto a objetividade explícita, quanto a subjetividade encoberta pelos signos e mensagens emanados pelo lugar, segue a linha do pensamento que “considera o ato criativo como o resultado de uma análise e de uma reflexão críticas sobre os sistemas e espaços culturais existentes, sobre os estratos de uma herança cultural decantada pela consciência histórica moderna” (MONTANER 2009: 116). Nos interessamos tanto pelas estruturas físicas quanto pelas “estruturas de memórias”. Partimos portanto da compreensão e interpretação da realidade do lugar.

Ao integrar a bagagem sócio-histórica dos participantes, a perspectiva da experiência contribui para aprimorar a leitura dos sinais - significantes e significados – (BARTHES, 1968) e a compreensão das mensagens a eles atribuídas para a compreensão mais abrangente do lugar (TUAN 1983; NORBERGH-SHULZ, 1979).

Em lugar de uma abordagem que valoriza o distanciamento e a neutralidade em relação ao ambiente construído, os profissionais envolvidos com sua produção poderiam adotar uma abordagem a um só tempo experiencial ou vivencial (VARELA et al. 2003) e empática (THOMPSON 2005), complementada pelos estudos pessoa-ambiente (CANTER 1977; TUAN 1980).

Seguindo essa linha de pensamento, foi possível formular e aplicar as bases da *abordagem experiencial* (RHEINGANTZ, ALCANTARA, 2007; ALCANTARA, 2008) bem como desenvolver, testar e validar seu desdobramento prático – a observação incorporada –, além de um conjunto de técnicas e procedimentos resignficados a partir desta perspectiva experiencial para o trabalho de campo, tanto no meio acadêmico como no profissional (RHEINGANTZ et al, 2009 (1) e (2)).

A abordagem experiencial (ALCANTARA, 2008) baseia-se em um conjunto de pressupostos: que o entendimento do ambiente construído deve ser entendido como uma experiência indissociável entre pessoas e ambientes (sejam eles construídos ou naturais); que a observação pode ser conscientemente guiada, ou seja, a atenção deve ser deslocada para *como* o observador guia suas ações no observar, em detrimento dos modelos, regras e procedimentos do "saber-fazer" tradicional; que a consciência é produto da capacidade do organismo perceber suas emoções e do ambiente reagir a elas (DAMÁSIO, 1996).

A investigação e o diagnóstico do lugar alinhados com a abordagem experiencial devem necessariamente incluir as emoções – aqui entendidas como qualquer reação do observador, corporal ou mental – e as impressões que os ambientes e as relações nele experienciadas provocam no observador - seja este participante, pesquisador, aluno, usuário, etc. O observador se constitui e assume como *sujeito* ou *protagonista* de *uma* experiência que é produzida durante sua interação empática e de alteridade com o ambiente e seus usuários. Nesse aspecto

> "estudos de empatia e altruísmo, tanto em animais como humanos, sugerem que ao nos colocarmos mentalmente no lugar de um indivíduo com determinada dor, somos mais capazes de distinguir e entender o sofrimento alheio. Pessoas com baixo nível de empatia ignoram esse tipo de "dica não-verbal" e não correspondem à expectativa do outro." (ALYSSON MUOTRI, 2011)

Sua *atenção* ou *percepção consciente* (VYGOTSKY 1994, 1995) se volta, principalmente, para o entendimento das razões, nuanças e significados da experiência vivenciada no cotidiano de um determinado ambiente em uso. As interações entre as pessoas e os ambientes urbanos são percebidas pelo observador e neste produzem ações e reações não dissociadas de seu contexto histórico, cultural, social, nem da consciência da sua experiência. Os estímulos provocados pelo

ambiente e as relações nele realizadas – calor, luz, cores, texturas, movimentos e sons – nos influenciam do mesmo modo como nossa presença interfere nas relações que se produzem no ambiente (VARELA et al. 2003).

Assim, a *observação incorporada* – desdobramento prático da abordagem experiencial – será a atitude que deverá permear todas as etapas da investigação sobre o lugar, agregando à experiência da observação os valores mentais, emocionais, culturais – inerentemente subjetivos – e os aspectos contextuais e morfológicos – objetivos e mais facilmente dimensionáveis. A questão central em uma observação incorporada é o pesquisador atentar para a sua própria experiência de observar e atentar para as emoções (quaisquer reações e perturbações) que emergem durante o processo de interação com o ambiente e com seus usuários.

Ao procurar integrar a bagagem sócio-histórica do observador e dos usuários, as observações realizadas tanto em ambientes internos quanto urbanos, a abordagem experiencial contribui para aprimorarmos a leitura dos sinais - os significantes e significados – e a compreensão das mensagens a ele atribuídas para a compreensão mais abrangente do lugar.

O maior envolvimento com o lugar a sofrer intervenções, conforme sugerido acima, deveria se tornar uma prática constante, desde os estágios iniciais do ensino de Arquitetura e Urbanismo, de modo a estabelecer parâmetros para uma avaliação mais precisa e abrangente, bem como para produzir projetos mais eficientes, responsivos e sustentáveis.

A metodologia adotada e proposta a seguir alinha-se com a concepção dialética do processo educativo, onde o conhecimento é um processo de transformação da realidade que parte da prática – síncrese – teoriza sobre esta prática – análise –, e volta à prática para transformá-la – síntese (CORAZZA,1991). A sincretização visa reunir as idéias ou teses de origens diversas para reconhecer, descrever e problematizar fatos e situações significativas da realidade imediata dos estudantes, relacionada com a temática de projeto proposta. A etapa de análise, focalizada neste trabalho busca investigar e associar fatos e situações da realidade contextual, ambiental e social relativos ao problema proposto – integrando a reflexão, o estudo crítico e a discussão. A etapa de síntese, na qual se dá a reunificação dos elementos do todo separados na teorização, é desenvolvida por meio da elaboração, produção e divulgação das propostas projetuais que expressem a concepção de mundo, de sociedade, de homem e de determinada teoria

O método dialético tem sido aplicado nas experiências acadêmicas de ensino de projeto onde pudemos verificar sua adequação no sentido de elucidar passos e procedimentos que direcionam os alunos em sua investigação (ALCANTARA, 2005; RHEINGANTZ et al, 2009).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos a seguir foram propostos pelo grupo de pesquisa ProLUGAR – Qualidade do Lugar e Paisagem – sediado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e vem sendo aplicados em pesquisas acadêmicas de modo a testar sua validade (RHEINGANTZ, 2004; ALCANTARA, 2008; RHEINGANTZ et al, 2009). O grupo ProLUGAR tem se dedicado à reflexão e à aplicação de métodos de APO e de análise visual e a partir de 2004, explora as possibilidades e limites da abordagem experiencial e suas implicações nas relações pessoa-ambiente (ou sociedade-natureza) e no significado de qualidade do lugar[1]. No âmbito do ensino de projeto, os alunos são estimulados a aplicar tais procedimentos para o reconhecimento dos sítios a sofrer intervenções conjugados à fase de contextualização do projeto, quando levantamentos de campo, análises morfológicas e pesquisas sobre aspectos legais e históricos são paralelamente realizados.

Para possibilitar que o pesquisador ou observador redirecione suas capacidades – "percepção, pensamento, sentimento e sensação" (TULKU 1997: 233) – de modo a contemplar com espontaneidade, clareza e atenção sua interação com o ambiente, é recomendável que o observador incorporado desenvolva algumas habilidades e técnicas de atenção. A aproximação com a filosofia oriental e a utilização das técnicas de relaxamento possibilitam "levar a pessoa a tornar-se atenta, experienciar o que a mente está fazendo enquanto ela o faz, estar junto com a própria mente" (VARELA et al 2003: 40). Para tanto, a mente deve se esvaziar sem esforço, se deixar fluir, coordenar e incorporar corpo e mente, ficando clara sua atividade natural de estar alerta e ser observadora.

Muotri (2011) revela que "estudos de meditação com monges budistas permitiram descobrir que, com treinamento adequado, é possível induzir essas regiões do cérebro, aquecendo-as ou resfriando-as mentalmente". Ao aquecermos essas regiões conseguimos alterar o nível de compaixão ao sermos expoStos à experiência de sofrimento alheia, tornando-nos mais ou menos sensíveis. Da mesma forma, podemos nos preparar mentalmente para realizarmos investigações sobre um lugar, despindo nossas pré-concepções e preconceitos e nos abrindo à experiência, mantendo os sentidos aguçados, a consciência atenta e, ao mesmo tempo, estabelecendo os limites para uma avaliação mais precisa e abrangente.

---

[1] Essa reflexão resultou no livro *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação* (Rheingantz et al 2009), que reúne um conjunto de instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação, propondo uma releitura a partir das experiências realizadas em parceria com o grupo GAE. Disponível em <www.fau.ufrj.br/prolugar > acesso em 12set2011.

A atitude de observação incorporada se torna operante por meio de percursos experienciais (ou à deriva) realizados, complementados por anotações, relatos e registros das observações em cadernos de campo e diários – podendo se constituir de textos, croquis, palavras soltas e impressões. Com vistas a trazer à luz elementos e descobertas subjetivas complementares à análise dos outros métodos e instrumentos utilizados, as descobertas e observações são sintetizados em relatórios. Durante os percursos, os pesquisadores – *observadores incorporados* –devem estar munidos de um material básico: prancheta, papel de rascunho, caderno de campo, caderno de croquis e desenhos, máquina fotográfica, filmadora. Nos cadernos de campo deve ser informado: nome do pesquisador e projeto de pesquisa, local, data e horário de início e de término de cada etapa da observação, seguido de um breve parágrafo sobre as condições do tempo, bem como um mapa esquemático do percurso. Os procedimentos constam de:

- *Preparação*: antes de iniciar a observação incorporada, o observador deve procurar um ambiente onde possa fazer um breve relaxamento das tensões e ansiedades produzidas em seu deslocamento. O ideal é buscar um recanto tranqüilo – um templo religioso, um banco de praça, uma mesa de um bar ou café – e por alguns instantes o observador deve se libertar de seus pensamentos e voltar sua mente para a sensação de bem-estar produzida por sua respiração, inicialmente lenta e profunda, movimentando toda sua capacidade toráxica. Na medida em que a mente vai se libertando dos pensamentos e ansiedades e a respiração e os batimentos cardíacos vão se estabilizando, com suavidade e delicadeza, a intensidade da respiração vai diminuindo gradativamente até se tornar quase imperceptível.

- *Observação atenta*: quando a mente e o corpo estiverem suficientemente relaxados e libertos, o observador deve voltar sua atenção para os acontecimentos que se desenrolam no ambiente, e na medida do possível, literalmente deixar-se envolver por eles e pela atmosfera do ambiente, ficar à deriva, ao caminhar pelo ambiente sem seguir um percurso pré-determinado, em lugar de procurar direcionar seus pensamentos e sentidos, o observador deve procurar observar com atenção e sem apego (Tulku 2007) as reações, efeitos e emoções que o ambiente produz em seu corpo e mente durante a sua experiência no ambiente. Este percurso deve ser complementado por filmagens ou fotografias contendo momentos ou instantâneos ou elementos e situações que chamaram à atenção do observador.

- *Relato da experiência*: terminado o percurso, ainda “contagiado” pelas emoções vivenciadas, o observador deve procurar um local tranquilo onde possa sentar e reviver passo-a-passo sua experiência recente. Um gravador ou um caderno de anotações podem ser valiosos auxiliares para registro, com a maior liberdade, naturalidade e riqueza de detalhes, do relato de sua experiência. O relato deve ser complementado por desenhos, croquis e mapas esquemáticos indicando com detalhes os percursos, as paradas prolongadas, as interrupções, os marcos e demais elementos considerados importantes.

A releitura dos relatos das observações pode revelar inquietações, identificar problemas, apontar impressões ambientais, vislumbrar qualidades, etc., cujos efeitos podem ser considerados similares ou diferentes conforme o momento. Neles pode haver uma carga pessoal e subjetiva, que ora suaviza, ora endurece o olhar sobre o ambiente.

A sistematização e análise dos dados coletados é posteriormente sintetizada em relatórios e cartografias com o objetivo de trazer à luz as descobertas subjetivas complementares aos métodos e instrumentos sequencialmente aplicados. nas visitas de campo para reconhecimento e diagnóstico com os grupos de docentes e alunos.

Tais percursos experienciais (ou à deriva) são complementados pela integração dos participantes (usuários, moradores, trabalhadores), de modo a investigar usos, apropriações, contradições e conflitos do lugar. Assim, os percursos experienciais devem ser complementados pela aplicação de outros instrumentos para avaliação do desempenho do lugar, tais como: *walkthrough*, *mapa comportamental*, *questionários*, *entrevistas*, *mapa mental* (RHEINGANTZ et at 2009 (2)) e levantamentos de *aspectos morfológicos* e espaciais relativos à localização do sítio e sua relação com a região e o entorno imediato. Concomitantemente são realizadas pesquisas sobre *aspectos históricos* e de *evolução urbana* (fundiários, legislação, planos, zoneamento, códigos construtivos).

Essa metodologia pode contribuir para que os alunos se tornem capazes de apresentar soluções, algumas vezes criativas e inovadoras, outras, simples e aparentemente óbvias – mas sempre responsivas à realidade vivenciada aos problemas identificados durante a investigação.

4. ESTUDO DE CASO NO ENSINO DE PROJETO

O maior envolvimento com o lugar a sofrer intervenções, conforme sugerido acima, deve se tornar uma prática constante do arquiteto ou urbanista e pode ser aprimorado por meio dos exercícios e das técnicas descritas. Apresentamos dois estudos de caso onde esta prática foi aplicada, a primeira experiência no âmbito acadêmico e a outra no âmbito profissional. Cada caso demandou a aplicação de procedimentos distintos que atendem às especificidades inerentes, mas ambas tiveram como ponto comum a atitude experiencial e incorporada com os ambientes e seus usuários.

Abordagem experiencial e ensino de Projeto de Arquitetura

No âmbito acadêmico, tivemos a oportunidade de aplicar a observação incorporada no atelier da disciplina de Projeto de Arquitetura com alunos do sexto período letivo. O objetivo da disciplina era elaborar e desenvolver o projeto para uma escola de ensino fundamental no bairro do Andaraí, subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro. A metodologia adotada alinhou-se com a concepção dida-lética do processo educativo: o conhecimento é um processo de transformação da realidade

que parte da prática (*sincretização*), teoriza sobre esta prática (*teorização ou análise*), e retorna à prática para transformá-la (*síntese*) (CORAZZA 1991).

A primeira etapa, de *sincretização*, objetivou reunir as idéias ou teses de origens diversas para reconhecer, descrever e problematizar fatos e situações significativas da realidade imediata dos estudantes, relacionada com a temática de projeto proposta.

Na etapa de *análise*, foco deste estudo, foram aplicados os procedimentos da abordagem experiencial, na busca de investigar e associar fatos e situações da realidade social relativos ao problema proposto – reflexão, discussão e estudo crítico – identificando os elementos constitutivos, processo de análise e síntese de descobertas, de construção e elaboração de conceitos e juízos, e de re-elaboração dos elementos da interpretação teórica capazes de gerar novas propostas de projeto. Foram realizaram visitas de reconhecimento e levantamentos de campo com os docentes e grupos de alunos na área do projeto. Foram visitados o terreno, bem como percOrridas as ruas do entorno do sítio. Os alunos dividiram-se em grupos responsáveis por levantar e analisar dimensões específicas do lugar: aspectos paisagísticos, urbanísticos, tipológicos, históricos e de legislação. Os alunos foram estimulados em todos os momentos a integrar o olhar experiencial atitude de observadores incorporados às suas leituras morfológico-espaciais relativas à localização do terreno, de modo a perceber e absorver com maior profundidade as nuanças e sutilezas daquele ambiente urbano e a apreender a realidade social e ambiental do lugar. Nestes percursos foram aplicados os procedimentos de preparação anteriormente descritos, de modo a fazer emergir descobertas sobre usos, apropriações, contradições e conflitos do lugar, não facilmente discerníveis a “olho nu”.

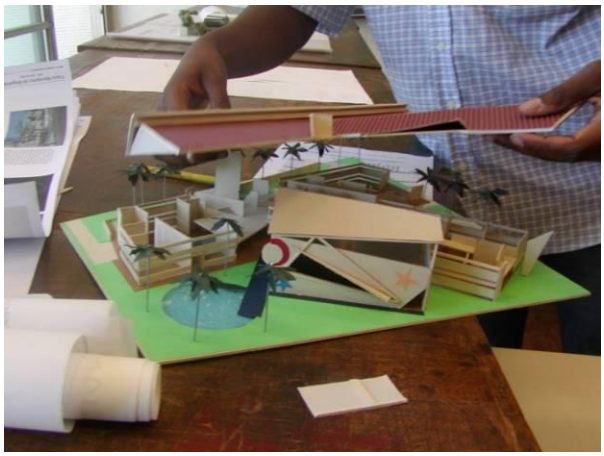
Figuras 01 e 02: Encontro com alunos em frente ao terreno destinado à escola de ensino fundamental; Percursos experienciais realizados pelos alunos na área de entorno do terreno localizado na Rua Maxwell Fonte: acervo dos autores. (2008)

O olhar atento, consciente e incorporado buscou uma maior apreensão daquela realidade, assim como o reconhecimento dos sinais e mensagens emanados pelo lugar, constituindo-se uma importante ferramenta para a definição do conceito e das tipologias edilícias propostas nas etapas subseqüentes.

A troca de idéias em momento posterior em sala de aula, com a inclusão dos outros levantamentos, apresentados em seminário, promoveram um fórum de debates e intercâmbios e o amadurecimento de idéias e propostas que foram posteriormente desenvolvidas na etapa de *síntese*, onde se deu a reunificação dos elementos do todo separados na teorização, por meio da elaboração, produção e divulgação das propostas projetuais, expressando a concepção de mundo, de sociedade, de homem e de determinada teoria. Os alunos foram capazes de apresentar soluções, algumas vezes criativas e inovadoras, outras, simples e aparentemente óbvias – mas sempre responsivas à realidade vivenciada aos problemas identificados durante a experiência. Os resultados da aplicação da etapa de síntese da experiência realizada na Disciplina de Projeto de Arquitetura 3 dos anos 2007 e 2008, já foram apresentados em evento acadêmico constanto de anais de evento e disponibilizados para consulta *online* (RHEINGANTZ et al, 2009; www.fau.ufrj.br/prolugar).

A estratégia metodológica e os procedimentos de análise prévia com base nas interações pessoa-ambiente-outro propostos neste artigo que foram essenciais na definição de conceitos e partidos e nas decisões projetuais.

Figura 03: Inserção de tipologias básicas sobre maquete do entorno realizada na etapa de síntese, posterior às visitas de campo. Fonte: acervo dos autores



Figuras 04 e 05: Seminário com debate em sala de aula de avaliação dos projetos. Fonte: acervo dos autores

5. ESTUDO DE CASO – CRECHE

O segundo estudo de caso aqui apresentado, refere-se à elaboração de diagnóstico de adequação ambiental das instalações de creche da rede privada situada em imóvel tombado pelo município, localizado no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. O trabalho resultou de uma consultoria de Avaliação Pós-Ocupação realizada pelo Grupo Ambiente-Educação – GAE[i], no qual foram aplicados os conhecimentos desenvolvidos em estudos e pesquisas que abordam a questão da qualidade dos ambientes escolares. O serviço foi contratado após a realização de uma observação realizada por alunos dos cursos de mestrado e de doutorado em Arquiteturado PROARQ-FAU-UFRJ[ii], quando se buscou a interface entre a observação dos pesquisadores e a ótica dos usuários, incorporando as dimensões cognitiva e comportamental na avaliação de desempenho do ambiente construído (FERREIRA et al, 2005).

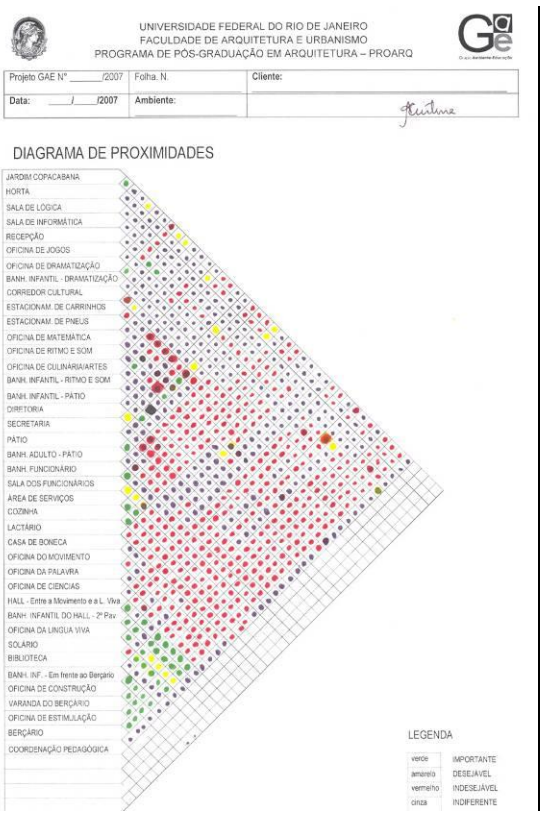
Quanto à metodologia, foram realizadas visitas de reconhecimento e análise visual para contextualizar a unidade, cujos levantamentos buscaram dados e informações sobre os ambientes em uso e seu potencial de utilização, as práticas e atividades pedagógicas desenvolvidas e arranjos internos (layout), Esta etaba foi complementada por. levantamento fotográfico do entorno urbano e dos ambientes internos e externos. De modo a identificar as necessidades e demandas espaciais foram realizadas reuniões com a equipe e observações sobre o funcionamento e atividades relacionadas.

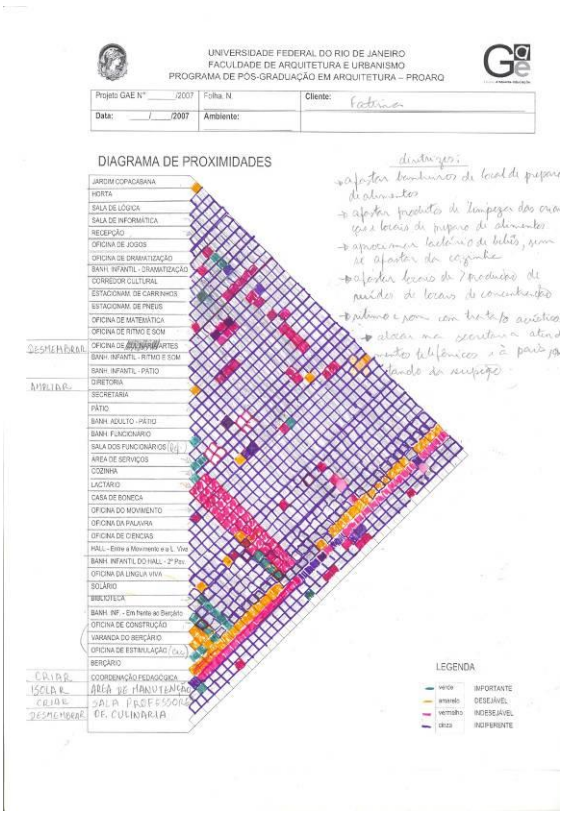
Figuras 06 e 07: Percursos exploratórios e observações na avaliação de desempenho de creche-escola em Laranjeiras. Fonte: FERRERA et al, 2005)

Na Avaliação Pós-ocupação foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) análise walktrough; (b) entrevistas; (c) observação sistemática dos ambientes em uso (d) diagrama de proximidades; (e) fichas de inventário dos ambientes internos e externos. Cabe observar que durante a aplicação de todos os instrumentos esteve presente a atitude de observação incorporada. Desse modo, a avaliação mais sensível dos ambientes e seus usuários favoreceu uma aproximação maior e uma melhor compreensão do problemas a serem enfrentados para a melhoria daquele ambiente.

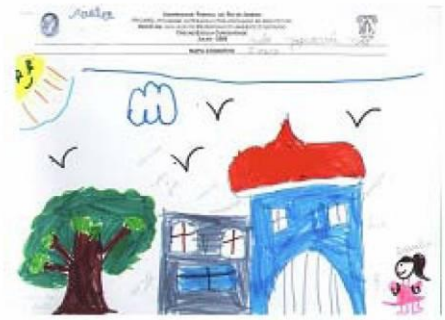
A entrevista semi-estrutura foi utilizada em quatro linhas de investigação: dinâmica de trabalho; questões técnicas; percepção/cognição/comportamento ambiental; e conforto ambiental. As questões sobre 'acessibilidade para deficientes' físicos 'ruído interno' e 'conforto em relação ao calor no verão' receberam as maiores críticas e graduação negativa em uma porcentagem considerável. Paralelamente às entrevistas, foi solicitado aos funcionários que preenchessem os campos dos diagramas de proximidades de modo a identificar relações e articulação dos ambientes (Figs. 08 e 09).

O poema dos desejos e os mapas mentais foram aplicados junto às crianças de modo a apreender percepções e desejos em relação ao ambiente escolar. Por meio do mapa cognitivo foi possível entender quais os espaços e características mais valorizados pelos usuários e ainda constatar o valor que a fachada e o pátio são elementos visuais importantes para sua imagem e identidade (Figs. 10 e 11). Este instrumento representa uma valiosa contribuição para o diagnóstico, especialmente quando resignificado pela perspectiva experiencial, que pressupõe a interação do pesquisador com o 'desenhista' no momento de sua elaboração, de modo a compreender a intenção do desenho.





Figuras 08 e 09: Diagramas de proximidades elaborado por funcionário da creche com indicação de relação entre os diversos setores e ambiente (verde-importante; amarelo-desejável; vermelho-indesejável; cinza-indiferente. (Fonte: acervo GAE-FAU-UFRJ)



A arquitetura da escola parece ser bastante marcante para as crianças, como ilustrado no desenho ao lado. Grande parte delas desenhou a fachada com as grades, os arcos e o "castelinho". O "castelinho" é o local onde funciona o berçário e sua forma lembra a torre de um castelo.

A fachada da escola também foi bastante representada, assim como o nome da escola e o seu porteiro, que parece ser simpatizado por todas as crianças.

Figuras 10 e 11: Mapas mentais aplicados junto às crianças para identificação da imagem mental. Fonte: FERREIRA et al, 2005)

O relatório final reforça a importância da participação do usuário "na descoberta de aspectos que somente eles podem perceber, devido a sua experiência prolongado no lugar e que, muitas vezes, fogem aos olhos do observador. O observador, por sua vez, contribui ao interagir com o espaço e

com o usuário, e ao “ver de fora”, consegue levantar elementos negativos, que muitas vezes o usuário, por sua vivência diária, acaba se acostumando” (FERREIRA et al, 2005).

Posteriormente ao diagnóstico sobre as condições espaciais e ambientais do edifício e do entorno urbano, seguiu-se a proposta de programa arquitetônico: padrões de qualidade, estudo gráfico de alternativas e estratégias, definindo modificações do ambiente escolar com foco nas relações entre espaço físico e desenvolvimento infantil, além da sua adequação ao meio-ambiente e ao entorno. A avaliação de desempenho do ambiente construído realizada a priori, integrando a participação do usuário e a avaliação mais sensível do ambiente possibilitou a elaboração de uma proposta mais responsiva às demandas e desejos identificados e com soluções adequadas aos problemas levantados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo argumentamos em favor de um maior envolvimento e interação daqueles que pensam e trabalham com o ambiente construído. A avaliação sensível do sítio de intervenção deve se tornar constante e o passo inicial de qualquer intervenção. Retomando a idéia da reciprocidade observador-e-ambiente no processo de observar, um não pode acontecer sem a existência do outro (MATURANA 2001). A incorporação dos sentidos, das sensações e das emoções – parte indissociável do racional (MATURANA, 2001; DAMÁSIO, 1996) na observação, tornou possível nos dois casos apresentados assumir a condição de sujeitos no processo de avaliação cognitiva e roteiristas da explicação fundamentada na experiência vivenciada e consciente e nas interações produzidas com o ambiente.

A avaliação prévia do lugar feito pelos alunos com base na incorporação da experiência *no* e *com* o lugar, favoreceu aprofundar a compreensão sobre a influência das dimensões espontâneas e reflexivas da interação com o ambiente. Estimulou os alunos a desenvolver sua capacidade de observar e experienciar o ambiente urbano de forma atenta, precisa e desapaixonada. Estimulou o aprendizado de, simplesmente, prestar atenção no pensamento e a direcioná-lo para processo da experiência. Os aspectos físicos e ambientais, as qualidades observadas e os problemas levantados pelos alunos em sua vivência com o lugar promoveu sua compreensão por meio não apenas do conhecimento e da avaliação técnica mas também a partir de suas percepções e emoções, na identificação dos atributos subjetivos e das nuanças não explícitas do objeto de investigação. Por mais complexas e sutis que pudessem ser, no exercício desenvolvido elas emergiram naturalmente na reciprocidade da interação entre os observadores – alunos - e o ambiente - sítio e entorno urbano onde seria localizada a escola de ensino fundamental.

O segundo estudo apresentado possibilitou evidenciar que os procedimentos de avaliação de desempenho, resignificados pela perspectiva experiencial e com a participação dos usuários, amplificou o envolvimento e a incorporação dos profissionais e pesquisadores envolvidos de modo

mútuo e recíproco. Os instrumentos utilizados permitiram identificar signos e mensagens no lugar em uso a partir da interação com os principais interessados, as crianças e os funcionários da creche, cuja interpretação de seus desejos e expectativas demandou uma maior aproximação e atuação empática.

Assim o estabelecimento de procedimentos de avaliação prévia do ambiente deve ser uma constante desde o primeiro contato com o lugar. Torna-se indispensável a vivência e o reconhecimento não apenas do sítio alvo do projeto, mas de seu entorno e do contexto social, cultural, ambiental, econômico, etc. Estimular o envolvimento de alunos e profissionais com o ambiente; reconhecer as mensagens do lugar e de seu usuários; apreender seus dados subjetivos, somente poderá promover o desenvolvimento de um projeto, seja arquitetônico ou urbanístico, mais coerente com o lugar e com seus usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, Denise de. Cognição Experiencial e Requalificação de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Tese(Doutorado em Arquitetura)

AZEVEDO, G., TÂNGARI, V., RHEINGANTZ, P.A., MOREIRA, E., OLIVEIRA, V., MARTINS, V., CASTRO, R. Qualidade do Lugar e da Paisagem no Pátio Escolar: Fundamentos e Conceitos. In O Lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços Livres – uso, forma e apropriação. AZEVEDO, G., RHEINGANTZ, P.A., TÂNGARI, V., (orgs.). Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-PROARQ, 2011 (p.57-76)

BARTHES, Roland. *Elements of Semiology*, 1964, publ. Hill and Wang, 1968. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/barthes.htm>. Acessado em 06/06/11.

CANTER, David. The Psychology of Place. London: Architectural press, 1977.

FERREIRA, Clarice; SANTOS, Cynthia; BARROS, Flávia; MARQUES, Flávia; CARVALHO, Georgiana; CASTRO, Iara; BECK, Luciana; SBARRA, Marcelo; CRUZ FILHO, Osvaldo Relatório final da disciplina Avaliação de Desempenho do Ambientes Construídos: Creche de rede privada localizada na Zona Sul. Rio de Janeiro: GAE-FAU-UFRJ, 2005. Disponível em www.gae.fau.ufrj.br/bibliotecavirtual.htm. Acesso em 16set2011.

CORAZZA, Sandra M. Manifesto por uma "dida-lética", in Contexto e Educação. Ijuí-RS:UNIJUÍ, 1991, p.82-99.

DAMÁSIO, Antonio. O Êrro de Descartes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MONTANER, Josep Maria Montaner. Sistemas Arquitetônicos Contemporâneos. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

MUOTRI, Alysson. Estudos da compaixão. In: G1, Globo.com – Caderno Espiral, 2011. disponível em: http://g1.globo.com/platb/espiral/2011/05/13/estudos-da-compaixao/#comments). Acessado em 2 de junho de 2011.

NORBERG-SCHULZ, C. Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Londres: Academy Press, 1979.

RHEINGANTZ, P.A., ANDRADE, L., TANGARI, V., ALCANTARA, D., DUARTE, C. (1) Escola na escola – Reflexões sobre um Método de Ensino de Projeto de Espaços para o Ensino Fundamental. In: Anais VI Projetar – Projeto como Investigação: Ensino Pesquisa e Prática. São Paulo: FAU-UPM, 2009.

RHEINGANTZ, P; AZEVEDO, G.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D., QUEIROZ, M. (2) Observando a qualidade do lugar: Procedimentos de Avaliação Pós-Ocupação. Rio de Janeiro: PROARQ-FAU-UFRJ, 2009. disponível em: www.fau.ufrj.br/prolugar/publicacoes.htm

TUAN, Yi-fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.

TULKU, Tartang. Conhecimento da Liberdade. (2 ed.) São Paulo: Instituto Nyingma do Brasil, 1997.

VARELA, Fancisco J, TOMPSON Evan, ROSCH, Eleonor. A Mente Incorporada: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

---

[i] Grupo de pesquisa certificado pelo CNPq, formado em 2006 e coordenado por Giselle Arteiro Nielsen Azevedo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[ii] A disciplina "Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído" - ministrada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - aplicou de forma embrionária as ferramentas e instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação ressignificadas a partir da perspectiva experiencial. O Relatório Final produzido pela turrma encontra-se disponível na página do GAE em www.gae.fau.ufrj.br/bibliotecavirtual.htm